



O ECLIPSE DA VÍTIMA E A IDOLATRIA DO SISTEMA: FETICHISMO E ANTIFETICHISMO NA FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO DE ENRIQUE DUSSEL¹

Francisco Tiago dos Santos

Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú

F502761@gmail.com

Renato Almeida de Oliveira

Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará

Professor do curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú

renato_oliveira@uvanet.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compreender a relação entre os conceitos de fetichismo e antifetichismo na obra de Enrique Dussel, destacando suas implicações éticas, políticas e epistemológicas para o pensamento crítico latino-americano frente ao atual eclipse da ordem global. Partindo da Filosofia da Libertação, Dussel desenvolve uma crítica à razão moderna e ao paradigma eurocêntrico, compreendendo o fetichismo como a absolutização de mediações históricas, econômicas, políticas e religiosas que se tornam idólatras ao ocultar o Outro e legitimar estruturas de dominação. Em contraposição, o antifetichismo configura-se como movimento de desvelamento e libertação, por meio do qual se recupera a exterioridade negada das vítimas e se afirma uma racionalidade ética fundada na alteridade. A pesquisa, de caráter bibliográfico e analítico, fundamenta-se principalmente nas contribuições de Dussel, dialogando também

¹O artigo resultante de pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), sob orientação do Prof. Dr. Renato Almeida de Oliveira, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

com Karl Marx e Emmanuel Levinas. Os resultados evidenciam que o antifetichismo expressa um princípio ético-prático de libertação e descolonização do saber, propondo uma reconfiguração emancipatória do pensamento a partir das periferias do mundo.

Palavras-chave: Fetichismo. Antifetichismo. Filosofia da Libertação. Ética da Alteridade.

Abstract: This article aims to understand the relationship between the concepts of fetishism and antifetishism in the work of Enrique Dussel, highlighting their ethical, political and epistemological implications for Latin American critical thought in the face of the current eclipse of the global order. Starting from the Philosophy of Liberation, Dussel develops a critique of modern reason and the Eurocentric paradigm, understanding fetishism as the absolutization of historical, economic, political and religious mediations that become idolatrous by hiding the Other and legitimizing structures of domination. In contrast, antifetishism is configured as a movement of unveiling and liberation, through which the denied exteriority of victims is recovered and an ethical rationality based on otherness is affirmed. The research, of a bibliographic and analytical nature, is based mainly on Dussel's contributions, also dialoguing with Karl Marx and Emmanuel Levinas. The results show that antifetishism expresses an ethical-practical principle of liberation and decolonization of knowledge, proposing an emancipatory reconfiguration of thought from the peripheries of the world.

Keywords: Fetishism. Antifetishism. Philosophy of Liberation. Ethics of Otherness.

Introdução

O presente artigo analisa a relação dialética entre os conceitos de fetichismo e antifetichismo na Filosofia da Libertação de Enrique Dussel, explicitando suas profundas implicações éticas, políticas e

epistemológicas para o pensamento crítico latino-americano. Formulada a partir da década de 1970, essa vertente filosófica emerge não como um mero exercício especulativo abstrato, mas como uma resposta urgente ao encobrimento histórico e colonial imposto às sociedades do Sul global pela modernidade eurocêntrica. Ao questionar as pretensões de universalidade de uma racionalidade ocidental que historicamente empurrou os povos colonizados para a periferia da existência, Dussel assume o compromisso ético de pensar a partir da exterioridade, isto é, do lugar do Outro negado pelo sistema. Nesse horizonte de resistência, o conceito de fetichismo ganha centralidade ao designar o processo pelo qual mediações históricas e construções humanas, como o capital, o Estado e as instituições são absolutizadas, transformando-se em ídolos estruturais que passam a dominar a própria vida e a exigir o sacrifício da vítima.

Diante dessa idolatria sistêmica que legitima a exclusão, o objetivo central deste artigo é investigar como o antifetichismo se configura como o movimento crítico de desmistificação e desvelamento dessas ilusões totalizantes na obra de Dussel. Busca-se compreender de que maneira o autor, ao estabelecer um fecundo diálogo com a crítica da economia política de Karl Marx e com a ética da alteridade de Emmanuel Levinas, opera uma transposição do fetichismo para além de sua dimensão econômica, conferindo-lhe um caráter ontológico e teológico. Longe de reduzir-se a uma categoria puramente teórica, o antifetichismo é aqui abordado como um autêntico princípio ético-prático de libertação: o gesto radical que rompe a barreira do "Mesmo" ontológico para escutar, acolher e responder ao clamor do oprimido, restituindo-lhe a dignidade e a palavra que foram silenciadas pelo sistema.

Para alcançar esse propósito, a pesquisa desenvolve-se por meio de uma abordagem bibliográfica e analítico-interpretativa, ancorada no método hermenêutico de leitura estruturada das obras fundamentais de Dussel, com especial destaque para *Filosofia da Libertação* (1977),

complementada pelos horizontes de 1492: *O Encobrimento do Outro* (1992) e *Ética da Libertação* (1998). O percurso textual reconstrói a revisão teórica dessas categorias e mapeia suas implicações na contemporaneidade, evidenciando como o antifetichismo dusseliano promove uma necessária descolonização do saber. Com isso, o artigo demonstra que a Filosofia da Libertação opera uma inversão radical no fazer filosófico, ao propor que toda autêntica reflexão emancipatória e comprometida com a justiça social deve nascer, necessariamente, da memória, das experiências e das dores daqueles que foram convertidos em vítimas da história.

1 O Fetichismo, a Idolatria da Totalidade e o Eclipse da Vítima

Para compreendermos como se construiu a racionalidade dominante da nossa modernidade, precisamos, antes de mais nada, encarar a categoria de Totalidade como um sistema que se fechou sobre si mesmo. Enrique Dussel nos mostra com muita clareza que o projeto eurocêntrico ganhou o mundo por meio de um duplo movimento bastante violento: ao mesmo tempo em que afirmava sua própria forma de pensar como a única universal e válida, encobria e sufocava tudo o que estivesse fora das suas fronteiras. Essa Totalidade funciona como a lógica do "Mesmo", uma engrenagem que engole, digere ou simplesmente nega a alteridade para garantir que nada ameace sua auto-reprodução. O grande perigo dessa dinâmica expansionista é que, com o tempo, as instituições e as relações sociais perdem sua história e sua função original de servir à vida; elas passam a ser vistas como realidades naturais, eternas e inquestionáveis. É justamente nesse fechamento que encontramos a raiz da dominação política e do sufocamento do saber que desabam, ainda hoje, sobre a periferia do Sul global.

O que mantém essa Totalidade de pé e imune a críticas é uma profunda inversão fetichista. Essa é uma categoria que Dussel resgata da

crítica da economia política de Karl Marx, mas que ganha novos contornos em sua filosofia.

Lembremos que, para Marx:

O caráter misterioso da forma-mercantil consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais naturais dessas coisas. (Marx, 2013, p. 147)

Quando a Filosofia da Libertação toma essa intuição e a projeta para além da economia, atingindo o plano ontológico e teológico, ela acende um alerta: o fetiche acontece sempre que uma criação nossa, seja o capital, o Estado ou o mercado deixa de ser um meio e assume o lugar do Absoluto.

Como bem define Dussel:

O fetichismo é a autonomização de uma criatura humana (o dinheiro, o capital, o Estado) que se volta contra o seu criador, exigindo-lhe adoração e submissão. (Dussel, 1988, p. 34)

O sistema, então, diviniza-se de forma assustadora. Vemos erguer-se uma estrutura idólatra que já não aceita ser questionada, passando a exigir dos indivíduos uma obediência cega e uma reverência quase religiosa às suas próprias engrenagens.

A consequência ética mais dolorosa dessa idolatria sistêmica é a produção silenciosa daquela figura que está no centro do pensamento dusseliano: a vítima. No altar desse sistema que se julga divino, o sofrimento humano deixa de ser enxergado como um erro de percurso e passa a ser, ironicamente, a própria condição para que a estrutura continue de pé.

Afinal, como adverte Dussel:

O sistema, quando se totaliza e se fecha sobre si mesmo, torna-se necessariamente idolátrico: ele diviniza as suas próprias instituições e exige, para a sua reprodução, o sacrifício real e concreto da vida dos sujeitos humanos que ele mesmo exclui. (Dussel, 2000, p. 92)

É aqui que testemunhamos o eclipse da vítima. A dor de quem é oprimido torna-se invisível, silenciada por discursos ideológicos que justificam o sofrimento como se ele fosse um "custo necessário" ou um mero dano colateral em nome do progresso, da ordem ou do desenvolvimento. Despojada de sua identidade e de sua alteridade, a vítima acaba convertida em mero combustível para que o fetiche moderno continue exercendo sua soberania absoluta sobre o trabalho vivo e a dignidade humana.

2 O Antifetichismo como Práxis de Libertação, Alteridade e Descolonização do Saber

Se a idolatria da Totalidade moderna ganha força ao calar suas próprias contradições, o antifetichismo dusseliano surge justamente como o movimento crítico capaz de desmontar essas ilusões sistêmicas. Longe de ser apenas um exercício abstrato de vigilância teórica ou um conceito restrito aos gabinetes acadêmicos, o antifetichismo se consolida como um autêntico princípio ético e prático. Ele representa aquele gesto radical que racha o fechamento do "Mesmo" ontológico para nos forçar a olhar e a caminhar em direção à Exterioridade. O que esse movimento nos exige, no fundo, é superar a frieza da razão puramente instrumental e assumir uma ética que coloque a produção e a reprodução da vida humana concreta bem acima da sobrevivência das instituições. Ao

destronar os ídolos estruturais de sua falsa divindade, o antifetichismo devolve a nós, seres humanos, o controle sobre as nossas próprias criações, transformando o diagnóstico teórico em uma práxis histórica de verdadeira transformação.

O verdadeiro motor dessa postura antifetichista está na nossa capacidade de abertura à alteridade, um giro metodológico certo que Dussel constrói ao costurar a crítica de Karl Marx ao capital com a provocação ética de Emmanuel Levinas. Esse caminho começa, fundamentalmente, quando nos dispomos a escutar, de forma acolhedora e atenta, o clamor de quem foi empurrado para as margens da história.

Como bem pontua Dussel:

A periferia é o lugar onde a totalidade do sistema se revela como injustiça. O clamor do Pobre, do Outro na sua exterioridade, é a interpelação ética que rompe o fechamento do sistema e exige a práxis de libertação. (Dussel, 1977, p. 41)

É essa voz que vem de fora, do Outro negado, que arranca a máscara de falsa neutralidade e universalidade da ordem vigente.

Afinal, como o próprio autor sustenta em outra passagem:

"A verdade do sistema vigente é a mentira da vítima. A libertação começa quando a vítima se auto descobre como o Outro do sistema e afirma o direito à vida que a totalidade lhe nega" (Dussel, 2000, p. 114).

Essa escuta comprometida e o engajamento prático com o Outro são, portanto, as únicas forças capazes de travar a engrenagem sacrificial do fetiche moderno.

Por fim, ao assumir o sofrimento e a memória das vítimas como o ponto de partida absoluto de qualquer reflexão séria, o antifetichismo nos

empurra para uma urgente descolonização do saber. Esse deslocamento vira do avesso o fazer filosófico tradicional eurocêntrico, que tantas vezes usou conceitos abstratos para justificar as estruturas de opressão como se fossem inevitáveis. A Filosofia da Libertação nos provoca a perceber que nenhuma reflexão genuinamente emancipatória e comprometida com a justiça social pode nascer do isolamento teórico; ela precisa brotar das feridas e das vivências tecidas na periferia geopolítica do Sul global. Descolonizar o pensamento significa, antes de tudo, validar a dor e a capacidade de reação dos oprimidos como lugares legítimos de produção filosófica e teológica. Esse é o passo definitivo para deixarmos para trás uma ontologia que justifica a opressão e avançarmos rumo a uma metafísica da libertação, onde a dignidade humana e a alteridade nunca mais sejam eclipsadas, mas passem a ser os critérios centrais de qualquer sociedade que queira se erguer no futuro.

Conclusão

Ao longo deste percurso reflexivo, busquei descortinar a complexa relação dialética entre o fetichismo e o antifetichismo que atravessa a Filosofia da Libertação de Enrique Dussel. Parti de uma provocação incômoda, mas necessária: a constatação de que a modernidade eurocêntrica ergueu-se como uma Totalidade fechada, um sistema blindado que sacraliza suas próprias estruturas, como o mercado e o Estado, transformando-as em ídolos inquestionáveis. Vi que a manutenção dessa ordem idolátrica cobra um preço alto e violento, que é o eclipse e o sacrifício daqueles que habitam as periferias existenciais do mundo. Diante desse diagnóstico, o artigo cumpriu seu objetivo central ao demonstrar que o antifetichismo dusseliano não é uma mera abstração teórica, mas sim uma reação vital, um autêntico princípio ético-prático voltado ao desvelamento dessas ilusões opressoras.

Os resultados acumulados neste estudo evidenciam que a superação da lógica do "Mesmo" exige um profundo deslocamento metodológico, cuja força motriz reside no diálogo fecundo com a economia política de Karl Marx e a ética da alteridade de Emmanuel Levinas. Mostramos que o antifetichismo se materializa no gesto radical de romper o silêncio imposto pelo sistema para escutar, acolher e responder ao clamor do oprimido. É essa escuta atenta que desmascara a falsa universalidade da razão ocidental e devolve ao sujeito humano a primazia sobre suas próprias criações históricas, interrompendo o circuito de produção de vítimas.

Por fim, este artigo joga luz sobre o fato de que a Filosofia da Libertação promove uma virada indispensável e urgente no fazer filosófico: a descolonização do saber. Conclui-se que nenhum pensamento verdadeiramente comprometido com a emancipação humana e com a justiça social pode continuar ignorando as margens históricas. Toda autêntica reflexão crítica deve brotar, necessariamente, da memória viva, das vivências cotidianas e das dores da periferia do Sul global. Ao destronar os ídolos institucionais e afirmar a vida e a alteridade como critérios absolutos, o antifetichismo dusseliano deixa de ser apenas uma categoria de análise e passa a ser um horizonte de esperança prática, um convite permanente para que a dignidade humana nunca mais seja eclipsada pela idolatria de sistema nenhum.

Referências

DUSSEL, E. *O Encobrimento do Outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1992.

DUSSEL, E. *Ética da Libertação na Idade da Globalização e da Exclusão*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DUSSEL, E. *Filosofia da Libertação*: crítica à ideologia da exclusão. Petrópolis: Vozes, 1977.

LEVINAS, E. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.

MARX, K. *O Capital*: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013.

SANTOS, B. S. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.